

EXPANDIR O ACESSO ÀS ARTES: BOAS PRÁTICAS DE AUDIODESCRÇÃO EM TEMPOS DE CONFINAMENTO

EXPANDING ACCESS TO THE ARTS: GOOD AUDIO DESCRIPTION
PRACTICES IN CONFINEMENT PERIODS

Recebido em: 22 de abril de 2024

Aprovado em: 8 de junho de 2024

Sistema de Avaliação: Double Blind Review

RCO | a. 16 | v. 2 | p. 17-31 | jun./dez. 2024

DOI: <https://doi.org/10.25112/rco.v2.3850>

Carla Freire *carla.freire@ipleiria.pt*

Carla Freire é professora na Escola Superior de Educação e Ciências Sociais (ESECS), do Instituto Politécnico de Leiria, desde 2005. Leciona na área da comunicação acessível, multimédia, utilização das TIC em contextos educativos, metodologias de investigação. É elemento da Comissão Científico-Pedagógica do mestrado em Comunicação Acessível. É doutorada em Engenharia Multimédia, pós-graduada em Audiodescrição, pós-graduada em Comunicação Educacional e Media Digitais e licenciada em Novas Tecnologias da Comunicação. É membro integrado no Laboratório de Investigação em Design e Artes (LIDA) onde tem, como principais áreas de investigação, a acessibilidade e a inclusão, em particular no que se refere à comunicação e interação considerando a pessoa com deficiência visual. Tem vindo a publicar artigos em revistas especializadas, capítulos de livros, feito revisão de artigos submetidos a revistas e a eventos científicos, tem integrado a comissão organizadora e científica de vários eventos, supervisionado dissertações de mestrado e participado em júris de provas académicas.

RESUMO

A pessoa com deficiência visual vê-se, muitas vezes, privada do acesso à arte e à cultura por falta de medidas de acessibilidade que permitam a fruição deste tipo de serviços e/ou produtos. A pandemia por COVID-19 veio a transformar o mundo como o conhecíamos: as exigências derivadas dos sucessivos confinamentos, obrigaram os agentes culturais a reinventarem-se, pensando em novas formas de chegar aos diferentes públicos, o que pode contribuir para a expansão de algumas técnicas de acessibilidade, tais como a audiodescrição, descentralizando, desta forma, o acesso à arte. A audiodescrição é um dos recursos que pode contribuir para a fruição da cultura e que consiste numa técnica de acessibilidade que permite “transformar” as imagens em palavras, de forma que as pessoas com deficiência visual possam conhecer e compreender o mundo imagético que as rodeia e ao qual, normalmente, não têm acesso. Esta técnica ainda não é conhecida por todas as pessoas o que pode dificultar a expansão deste recurso e respetiva implementação. Desta forma, urge dar a conhecer o que é a audiodescrição para que mais agentes culturais a possam vir a utilizar e mais pessoas com deficiência visual possam usufruir dela. Assim, é importante divulgar exemplos de boas práticas que permitam levar a arte à casa das pessoas. O presente trabalho tem como intuito promover a reflexão sobre as potencialidades de acesso que possam ter surgido em épocas de confinamento por COVID-19 e apresentar exemplos de boas práticas de disponibilização das artes considerando a pessoa com deficiência visual.

Palavras-chave: Audiodescrição; Pessoa com deficiência visual; Acessibilidade e inclusão; Artes e cultura; COVID-19.

ABSTRACT

A person with visual impairment is usually deprived of enjoying arts and culture because there are no accessible measures that allow her/him to appreciate these kinds of services and/or products. COVID-19 changed the world as we knew it: the demands driven by the successive confinements have forced cultural agents to reinvent themselves, making them thinking new ways to reach different audiences, which may contribute to expanding some accessible techniques, such as audio description, decentralising the access to art. Audio description is one of the resources that can contribute to culture fruition and consists of an accessibility technique that allows to “transform” images into words so that visually impaired people can know and understand the visual world that surrounds them and to which they normally do not have access. This technique is not known to everyone, which may make it difficult to expand and implement. So, it is urgent to know what audio description is so that more cultural spaces may use it and more people with visual impairment can enjoy it. It is crucial to disclose examples of good practices that allow art to be taken into the peoples’ homes. Thus, the present work aims to promote reflection on the potentialities that may have arisen in these times of confinement by COVID-19 and to present examples of good practices in making the arts available to people with visual impairment.

Keywords: Audio description; Person with visual impairment; Accessibility and Inclusion; Arts and culture, COVID-19.

INTRODUÇÃO

Apesar do ponto 1 do artigo 27º da Declaração Universal dos Direitos Humanos destacar que “Toda a pessoa tem o direito de tomar parte livremente na vida cultural da comunidade, de fruir as artes e de participar no progresso científico e nos benefícios que deste resultam” (Diário da República Eletrónico, n.d.); apesar da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (Resolução da Assembleia da República nº56/2009) reconhecer o direito das pessoas com deficiência participarem na vida cultural em condições de igualdade com as demais, sendo, por este motivo, necessário disponibilizar condições de acesso equitativas; apesar da Agenda 2030: Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável (Conselho Empresarial para o Desenvolvimento Sustentável, n.d.) prever, no seu 10.º objetivo, reduzir as desigualdades e promover a inclusão social, independentemente das características pessoais de cada indivíduo; nem todos os cidadãos conseguem gozar deste direito, pois nem sempre estão garantidas as medidas adequadas que permitam o acesso à arte, considerando a diversidade de pessoas e, conseqüentemente, a fruição deste tipo de produtos e/ou serviços.

A pessoa com deficiência visual é uma das que, muitas vezes, se vê impedida de desfrutar da arte e da cultura, independentemente da sua condição. Seja uma pessoa cega, com ausência de visão; ou uma pessoa com baixa visão, com resíduo visual variável (Internacional Council of Ophthalmology, 2002); pode deparar-se com grandes dificuldades de acesso a eventos ou iniciativas artísticas.

A pandemia por Coronavírus 19 (COVID-19) veio a transformar o mundo como o conhecíamos: por um lado devido ao aumento de condicionalismos e limitações, o acesso da pessoa com deficiência visual às artes torna-se mais difícil: por outro lado, a impossibilidade de visitas presenciais pode ser vista como uma oportunidade, pois dependendo da mudança que os equipamentos culturais estiverem dispostos a fazer, a pessoa com deficiência visual pode ter outras formas de acesso.

Quando não é possível ver o que está em redor, o toque torna-se principal forma de explorar e interagir com o ambiente no dia-a-dia. Desta forma, a independência das pessoas com deficiência visual pode ser limitada pela existência de barreiras que impedem deslocações seguras e eficientes, na medida em que podem ameaçar a vida destas pessoas (Rizzo et al., 2021). Assim, as pessoas com deficiência visual sempre estiveram mais vulneráveis à contração da COVID-19 do que as demais (Senjam, 2020; Shalaby et al., 2021). Shalaby, et al. (2021) salientam os vários reflexos dos desafios derivados da pandemia que pessoas com deficiência visual sentiram, sobretudo, devido aos sucessivos confinamentos, nomeadamente ao nível da segurança para deslocação, falta de transporte e encargos financeiros, o que teve conseqüências nas atividades do cotidiano e nas interações sociais. Oviedo-Cáceres et al. (2021) corroboram a ideia de que o isolamento social provocado pela COVID-19 causou alterações nas dinâmicas

individuais e familiares das pessoas com deficiência visual ao nível das rotinas diárias, destacando, como grandes desafios, o respeito pelas normas de distanciamento, o evitar tocar nas superfícies, encontrar na rua pessoas dispostas a ajudar, assim como, o potencial aumento do fosso digital, na medida em que a pessoa com deficiência visual pode não conhecer algumas plataformas e ter algumas dificuldades de acesso.

Todavia, apesar da pandemia ter contribuído para uma rutura nas atividades do dia-a-dia, nomeadamente no que se refere à perda de emprego; contribuiu, também, para o surgimento de uma oportunidade de aproximar famílias e de fortalecer laços entre as redes de suporte, assim como, para o desenvolvimento da aprendizagem relativa à utilização das tecnologias digitais. Estas são apontadas por Oviedo-Cáceres et al. (2021) como facilitadoras da inclusão social, uma vez que permitem a realização de diferentes atividades de formas adaptadas, ultrapassando, assim, algumas barreiras.

Neste sentido, o impacto de confinamentos pode ser minimizado se houver a possibilidade de aprendizagem e de utilização de tecnologias digitais (Oviedo-Cáceres et al., 2021) e um planeamento cuidadoso de serviços, considerando a pessoa com deficiência visual, cuidadores, familiares, profissionais da saúde, assim como a comunidade alargada (Senjam, 2020). Assim, os desafios advindos da COVID-19 vêm a tornar premente a necessidade de reformulação de planos de ação referentes aos cuidados de saúde, de outros serviços governamentais, não governamentais e setores privados, que prevejam as questões de acessibilidade considerando situações de confinamento. Desta forma, "*Impacts due to lockdown can be minimized if planning and policy are in place before any emergency happened*" (Senjam, 2020, p.1370).

Desta forma, apesar da pandemia por COVID-19 ter contribuído para o aumento de algumas barreiras que as pessoas com deficiência visual possam sentir no seu dia-a-dia; pode ter, também, ampliado oportunidades que anteriormente não estavam previstas. Para que as instituições conseguissem sobreviver, durante os sucessivos confinamentos, sentiram necessidade de se reinventarem recorrendo às tecnologias digitais, o que, por sua vez, pode ter contribuído para a expansão de técnicas e estratégias de acessibilidade à diversidade de públicos.

Neste sentido, o presente trabalho tem o intuito de promover a reflexão sobre formas de expandir o acesso às artes, apresentando boas práticas de disponibilização das mesmas e que consideram a pessoa com deficiência visual. Deste modo, o documento encontra-se dividido em: acesso à arte e à cultura, que pretende compreender o impacto da COVID-19 no acesso à cultura; audiodescrição que tem o intuito de revelar algumas diretrizes básicas deste recurso de acessibilidade; boas práticas para a democratização

da cultura, onde são apresentados exemplos de acesso às artes; e termina com as considerações finais, que sintetizam as principais ideias do artigo.

1 O ACESSO À ARTE E À CULTURA

Em uma época em que bilhões de pessoas estão separadas fisicamente umas das outras, a cultura tem nos unido, mantendo-nos ligados e diminuindo a distância entre nós. Ela tem fornecido conforto, inspiração e esperança em um momento de enorme ansiedade e incerteza. (Ottone, 2020, n.p.)

As artes visuais são cruciais na vida cultural da sociedade, na medida em que proporcionam acesso ao patrimônio social e permitem o enriquecimento pessoal. Contudo, a maioria das artes visuais não se encontra acessível a pessoas cegas (Li et al., 2023). De facto, as pessoas com deficiência visual têm vindo a ser excluídas da esfera artística e cultural. Apesar da preocupação crescente e dos esforços que têm sido feitos, ao longo dos anos, muitos equipamentos culturais continuam inacessíveis a pessoas com deficiência (Vasilakou et al., 2022).

Todavia, durante a pandemia por COVID-19, as tecnologias online transformaram, de forma significativa, o acesso às artes, disponibilizando novas formas de participação e de envolvimento das pessoas. Nos primeiros meses de confinamento, várias galerias de arte disponibilizaram vídeos de 360° online, de forma a permitir o acesso aos seus visitantes (Selen et al., 2023). O acesso a locais ou eventos artísticos sem sair de casa permite usufruir da arte no conforto do lar, sem a necessidade de deslocação e com a possibilidade de visitar os locais ou eventos a qualquer momento. No entanto, de acordo com Selen et al. (2023), a visita virtual, quando comparada à visita local, carece de emoção. Tal ideia é corroborada pelo estudo de Li et al. (2023), em que alguns participantes destacam a oportunidade do acesso remoto à arte, o qual permite a compreensão das artes visuais a partir de profissionais; não obstante, sentem a falta de envolvimento e de comunicação, o que faz com que a experiência não seja tão imersiva como em contextos presenciais.

De acordo com Ottone (2020) é necessário promover medidas de apoio que permitam o acesso à arte e à cultura, pois ainda que a sociedade tenha beneficiado do acesso online à arte, durante os períodos de confinamento, sente-se que a rápida digitalização das obras não foi completamente satisfatória e que a acessibilidade continua a ser um desafio. Assim, é importante que os equipamentos culturais e artísticos se preparem para situações imprevistas e desenvolvam ações que permitam aumentar a diversidade de experiências dos visitantes com os conteúdos artísticos (Selen et al., 2023), pelo que, tal como sugere

Senjam (2020), há necessidade de reformulação de planos de ação, considerando casos de emergência, que possam vir a ser aplicados nos diferentes setores. Deste modo, o aumento de oportunidades de acesso remoto às artes remete para a necessidade de maior reflexão sobre as questões de acessibilidade, de envolvimento e de interação (Li et al., 2023).

Apesar dos desafios, advindos da pandemia por COVID-19, no acesso à cultura, em particular aos museus, nomeadamente no que se refere às regras de distanciamento social, da deslocação espacial considerando a norma unidirecional e das regras higiénicas; Cecília (2021) salienta que a necessidade de adaptação à nova realidade tornou premente o desenvolvimento de conteúdos digitais e a disponibilização de coleções online que permitem o acesso e a fruição da arte e da cultura à população em geral e, sobretudo, à população com deficiência, que a partir das suas casas pode participar em ações culturais de uma forma que anteriormente não podia.

Para Cecília (2021, p. 5) "*The pandemic has proven that remote participation is not only possible, but actually works*", reforçando a autora que desde março de 2020 muitas instituições tiveram de alterar rapidamente as suas práticas, de forma a se adaptarem à nova realidade. Assim, o acesso e a participação remota aos mais variados serviços passaram a ser, nesta altura, a única alternativa e a nova realidade da população.

Desta forma, os sucessivos confinamentos devidos à pandemia por COVID-19 apenas vieram impulsionar, de uma forma mais rápida, o que, de certa forma, já estava a ser orientado, no que se refere à utilização da tecnologia para o acesso à arte. Cecília (2021) destaca relatos de pessoas que sentiram, neste período, fatores muito positivos que lhes permitiram, a partir de sites de redes sociais, tais como o *Instagram* ou o *Facebook* e aplicações (*Apps*) de telemóveis, aceder e seguir atividades e programas culturais em diferentes plataformas *online* tal como *Google Arts and Culture* (n.d.) ou em sites de museus como *The British Museum* (n.d.).

Neste sentido, apesar das visitas virtuais aos museus e/ou exposições não substituírem as visitas presenciais, a mudança para as plataformas digitais tornou a arte e a cultura mais acessíveis aos diversos públicos (Selen et al., 2023). Deste modo, a utilização de computadores e de tecnologias de apoio fortalecem a auto-dependência e a socialização das pessoas com deficiência visual no que se refere ao campo cultural e artístico (Vasilakou et al., 2022).

2 A AUDIODESCRIÇÃO

A audiodescrição permite tornar as imagens acessíveis a pessoas com deficiência visual (Fryer, 2016; Motta, 2021; Neves, 2011; Snyder, 2014) podendo ser considerada como a utilização de comentários verbais que apresentam informação visual a todos aqueles que não a conseguem perceber (Fryer, 2016). Para Neves (2011, p.13) trata-se da

arte de traduzir, através de uma narrativa descritiva ou outras técnicas verbais, mensagens visuais não perceptíveis apenas através dos sinais acústicos presentes em textos (áudio)visuais (filmes, produtos multimédia, Web, ...); a arte de descrever imagens, objectos, realidades com valor comunicativo essencialmente visualista (ex. paisagens, património construído, peças de museu, ...).

Apesar do público principal da audiodescrição ser a pessoa com deficiência visual, na realidade trata-se de um recurso útil a vários utilizadores, quer tenham ou não deficiência, na medida em que chama a atenção para determinados elementos visuais que possam passar despercebidos e permitam ajudar a compreender alguns conteúdos, seja a pessoas normovisuais, a sêniores, a pessoas com algumas dificuldades cognitivas, entre outras (ITC, 2000; Motta, 2021; Neves, 2011).

Não existem regras definidas para uma audiodescrição universal, mas sim uma série de diretrizes que varia consoante a evolução da investigação e da prática nos diferentes países (Fryer, 2016). No entanto, uma análise atenta da literatura nesta área permite-nos verificar que várias diretrizes são comuns entre os diferentes autores (e.g. Fryer, 2016; ITC, 2000; Motta, 2021; Neves, 2011; Snyder, 2014).

Antes de escrever qualquer guião de audiodescrição para audiovisual, Neves (2011) sugere algumas visualizações do vídeo, do ponto de vista do utilizador final, o que ajuda a compreender o que se pretende transmitir. O estilo é, igualmente, importante para que se possa adequar a linguagem às especificidades da obra e, desta forma, criar-se um texto coerente e harmonioso com o guião original. Estas visualizações ajudarão, ainda, a identificar os pontos chave do trabalho em análise e as potenciais relações que possam existir. É importante delimitar os tempos para introdução das audiodescrições, de forma que o texto respeite elementos áudio preexistentes, com vista a complementarem-se, tornando o trabalho coeso.

É essencial selecionar bem a informação a audiodescrever através da identificação dos elementos essenciais para a compreensão da obra. De acordo com a autora, “[t]ão grave quanto não dar informação suficiente para a compreensão da mensagem visual será sobrecarregar o receptor com informação em excesso” (Neves, 2011, p.50). Assim, é importante considerarmos: quem; o quê; onde; quando; efeitos sonoros que não sejam compreensíveis; logótipos, créditos, informação de cartazes, etc. É importante

ter-se em conta que os silêncios também transmitem informação, pelo que se reforça a importância da existência de frases curtas, objetivas e relevantes.

O presente do indicativo é o verbo de eleição, podendo, por vezes, ser utilizado o gerúndio. Sempre que possível devem ser evitados termos técnicos e fílmicos. Quando a cor é relevante para a mensagem, ela deve ser mencionada, independentemente da pessoa ter cegueira congénita ou cegueira adquirida, pois a cor carrega simbolismo que pode estar a representar algo no trabalho a descrever. Deve evitar-se a utilização de adjetivos que caracterizem algo, na medida em que podem ser subjetivos, pelo que é preferível descrever as expressões, deixando a interpretação dos sinais para a pessoa que ouve a audiodescrição (Freire, 2022; ITC, 2000; Neves, 2011).

No que se refere à audiodescrição de obras de arte, que permitem que as pessoas com deficiência visual possam “ter acesso ao conteúdo imagético, fazer um passeio histórico; conhecer lugares, pessoas, voltar no tempo ou projetar-se nele” (Motta, 2021, p. 78), podemos ter diferentes tipologias. Neves (2011) apresenta e define *soundpainting* como uma “técnica de audiodescrição que alia uma descrição subjetiva e sugestiva a efeitos sonoros e acompanhamento musical com vista a produzir, através de sensações auditivas, as cargas emotivas e mensagens subliminares contidas numa qualquer obra/manifestação artística de carácter visual” (p.14). A definição de Neves (2011) reforça a importância da fruição da obra através de um discurso leve, ritmado e sugestivo e Motta (2021) complementa a ideia ao referir que a arte pretende não só emocionar, mas também surpreender, perturbar e fazer pensar.

Para uma boa audiodescrição de obras de arte, Motta (2021) salienta a importância das pesquisas prévias sobre a obra em questão, que permitam a compreensão da época, contexto, materiais utilizados, técnicas de pintura entre outras informações. Assim, a autora reforça a importância das notas introdutórias, as quais disponibilizam informações técnicas e contextuais da obra. Após esta fase introdutória, é importante descrever, de forma geral, toda a obra, para que, de seguida, se possa dar início à descrição mais detalhada dos elementos mais significativos da obra. A escolha lexical deve acompanhar a época retratada na obra, seja em termos de vestuário, transporte entre outros elementos, mas, também, no que se refere à delicadeza ou dramatismo da obra.

Estas são apenas algumas técnicas que podem auxiliar o processo de escrita de guiões de audiodescrição, pelo que caso o leitor pretenda aprofundar os seus conhecimentos nesta área, deve procurar informação mais específica na literatura científica (e.g. Freire, 2022; Fryer, 2016; ITC, 2000; Motta, 2021; Neves, 2011; Snyder, 2014).

3 BOAS PRÁTICAS PARA A DEMOCRATIZAÇÃO DA CULTURA

Considerando o impacto que a Pandemia por COVID-19 teve nas diferentes instituições, o que levou a mudanças, por vezes, radicais, tais como uma passagem brusca para ambientes digitais, mesmo sem que os locais estivessem devidamente preparados, faz-nos pensar no futuro. Indo ao encontro das ideias expressas por Cecília (2021) e Oviedo-Cáceres et al. (2021), questionamos o que podem fazer os equipamentos culturais para garantirem que as novas práticas digitais encontradas, na altura de pandemia, se tornem oportunidades para tornar os espaços mais acessíveis ao invés de se criarem maiores fossos digitais?

De forma a ultrapassar as dificuldades, devido ao encerramento de museus, muitos recursos foram disponibilizados online, tais como modelos em 3D, galerias virtuais, visitas virtuais, atividades participativas e eventos que permitiram disponibilizar experiências online ricas, interativas e estimulantes a uma larga franja da população (Cecília, 2021).

Neste sentido, apresentamos alguns exemplos de boas práticas que nos permitem refletir sobre a democratização das artes e da cultura, assim como também sobre as questões de acessibilidade, que nem sempre estão presentes.

EXPOSIÇÃO TINTA SOBRE TINTA

A exposição Tinta sobre Tinta (Instituto CPFL, 2019) pertence ao acervo do Museu de Arte Moderna de São Paulo, Brasil, o qual é muito conhecido pelos seus cuidados com as questões da acessibilidade. Esta exposição reúne um conjunto de pinturas de diferentes anos que representam experimentações com base na utilização de camadas grossas de tinta como sinal de modernidade, considerando o facto de após a Revolução Industrial os valores da tinta terem diminuído consideravelmente (MAM, 2019).

A audiodescrição das pinturas representa, da forma mais fiel possível, as obras pintadas com pinceladas grossas. A audiodescrição é complexa e emotiva, pois além da música que acompanha a locução, o próprio texto tem traços poéticos. Apesar de não perder a objetividade, a poesia da audiodescrição parece ir ao encontro da técnica de *soundpainting* apresentada por Neves (2011), na medida em que o acompanhamento musical, com a voz melódica e o texto poético, parecem produzir cargas emotivas.

Todas as obras, nesta exposição, têm notas introdutórias, que dão a conhecer os detalhes técnicos de cada pintura, de forma a se compreenderem as diferentes especificidades da obra que está a ser audiodescrita, assim como as respetivas dimensões, tal como sugerido por Motta (2021).

Importa destacar a escolha das músicas, as quais variam em função da obra descrita, tornando a pintura, a audiodescrição e a música num trabalho único e coeso. A escolha lexical é cuidada e vai

ao encontro do que está visível na obra e respeita as expressões utilizadas nos diferentes movimentos artísticos.

Estas audiodescrições, para além de permitirem que a pessoa com deficiência visual compreenda o que a pessoa normovisual está a visualizar, permitem, ainda, a fruição da obra de uma forma singular.

EXPOSIÇÕES DA MIDIACE

A Midiace (n.d.) é uma associação sem fins lucrativos, de Belo Horizonte, Brasil, que tem como principal objetivo promover a acessibilidade nos diferentes meios.

A partir do menu de 'Exposição' desta associação, é possível aceder a uma ampla variedade de exemplos de audiodescrição aplicada aos mais diversos contextos, desde fotografia, paisagens, ilustração de desenhos animados, entre outros. Neste repositório de exposições, é possível notar que consoante o tipo de obra e o respetivo público existe o cuidado de se adaptar toda a audiodescrição, de forma a transmitir o máximo de informação a quem dela necessita. É possível observar diferentes técnicas, de descrição das imagens, de complemento da informação, de apresentação de personagens, entre outras. A título de exemplo, a audiodescrição da 'Turma da Mónica', não faz recurso a música, para além de descrever as personagens permite ouvir as respetivas vozes, o que torna a audiodescrição mais pessoal, mais próxima do ouvinte. A Exposição 'Olhai por mim' é outro exemplo do trabalho disponibilizado pela Midiace, cuja técnica de audiodescrição se baseia em *Soundpainting*, permitindo a fruição das obras de forma poética. Nesta exposição, o texto da audiodescrição é muito cuidado e rico em vocabulário, o recurso a música e a outros efeitos sonoros, a orientação da descrição, entre outros elementos, permitem transportar o visitante para o espaço da obra.

IZI.TRAVEL

A plataforma digital izi.TRAVEL (n.d.a) pretende ligar cidades, museus e histórias com visitantes dos vários locais do mundo. Para além de permitir o acesso a vários audioguias, a partir de qualquer parte do mundo, permite que qualquer utilizador (individual ou profissional) possa criar os seus percursos virtuais a locais ou exposições e respetivos áudio-guias.

Neste sentido, é possível encontrar uma grande variedade de experiências virtuais a locais diferenciados e em línguas diversas. Muitos destes guias são criados por pessoas individuais, no entanto, muitas instituições oficiais começam a utilizar este tipo de recurso para divulgar informação turística. Também as instituições educativas aproveitam as potencialidades desta plataforma para a criação de

projetos úteis à sociedade, na medida em que podem partilhar roteiros com outras pessoas, assim como usufruírem de outros roteiros.

A título de exemplo partilhamos o Roteiro 'Porto - Cidade Invicta' (izi.TRAVEL, n.d.b), um áudio-guia que amplia a informação sobre um determinado local. Este, apesar de não se tratar de audiodescrição, uma vez que não descreve o que as imagens contêm, é um recurso que permite que o utilizador conheça mais informações e curiosidades sobre o contexto representado, sendo, por este motivo, um bom exemplo de acessibilidade (que pode ser aumentada) e de aproximação da arte e da cultura à população.

Na mesma plataforma, outro exemplo de acessibilidade, e que contempla a audiodescrição, é a exposição 'Museu do Ar Sintra' (izi.TRAVEL, n.d.c), no qual é possível conhecer o contexto e compreender o que está a ser visualizado, na medida em que todas as obras estão audiodescritas.

Estes exemplos revelam que com o recurso às tecnologias digitais é possível tornar a arte acessível a públicos diversificados e dispersos geograficamente.

Neste sentido, é importante refletir sobre o potencial da plataforma izi.TRAVEL, e de outras similares, para a criação de audioguias que possam contemplar o recurso de acessibilidade da audiodescrição. Assim, a possibilidade de oferecer roteiros acessíveis, a pessoas normovisuais e a pessoas com deficiência visual, está ao alcance que qualquer pessoa, seja individual ou instituição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda que a pandemia por COVID-19 tenha tido consequências muito graves, no que se refere a questões de saúde; considerando a necessidade de se reinventarem formas seguras de aceder aos mais variados serviços, a COVID 19 veio a contribuir para a expansão do acesso às artes. Estas, para além de permitirem um acesso ao património cultural e social, permitem o enriquecimento pessoal (Li et al., 2023); a aprendizagem contínua, a partilha de emoções, surpresas e reflexão (Motta, 2021); e, em altura de confinamento devido à COVID-19, disponibilizou conforto, inspiração e esperança, quando existia imenso receio e incerteza (Ottone, 2020).

Arápida passagem para as tecnologias digitais e para um ambiente *online* veio a permitir a participação e o envolvimento dos cidadãos de uma forma rápida e segura, a partir das suas casas, em qualquer momento (Freire, 2022; Neves, 2011; ITC, 2000) e a fortalecer a auto-dependência e socialização, das pessoas com deficiência visual, no domínio artístico-cultural (Vasilakou et al., 2022).

A audiodescrição permite 'transformar' imagens em palavras, para que as pessoas com deficiência visual possam conhecer e compreender o mundo imagético que as rodeia e ao qual, normalmente, não

têm acesso. Este recurso de acessibilidade ainda não é conhecido por todas as pessoas, quer tenham ou não deficiência visual, o que pode dificultar a sua expansão e respetiva implementação, pelo que é urgente divulgar a audiodescrição, uma vez que pode permitir que as pessoas com deficiência visual possam usufruir da arte e da cultura. É importante lembrar, tal como mencionado por Fryer (2016), que não existem regras únicas, universais, pois estas variam consoante o produto, o país, o público-alvo, contudo, cada cidadão pode ter o seu papel ativo na sociedade e descrever os seus conteúdos visuais em plataformas digitais, para permitir que as pessoas com deficiência visual tenham acesso aos mesmos. Apesar da falta de universalização da audiodescrição, é importante destacar que existem, sempre, elementos comuns, desde a necessidade de visualização da obra várias vezes, enquanto utilizador/ consumidor, às pesquisas adicionais que permitam adequar a linguagem e o estilo à obra em questão (Motta, 2021; Neves, 2011), até à possibilidade de recriação das obras em 3D, que permitam o utilizador tatear o modelo (Cecília, 2021).

Em épocas de confinamento, devido à Pandemia por COVID-19, a audiodescrição foi utilizada por alguns museus com vista a envolver o público remotamente, disponibilizando conteúdos acessíveis, atrativos e flexíveis com o intuito de compensar a falta de presença física nos espaços, pelo que é essencial promover a discussão em torno destas questões e apostar na produção de conteúdos acessíveis à diversidade de públicos.

Neste sentido, e indo ao encontro das sugestões de Cecília (2021), é imperativo que os profissionais dos espaços culturais atuem rapidamente, com vista a planearem estratégias de ação que garantam segurança e acessibilidade por meio de experimentação de diferentes materiais, técnicas, recursos digitais, entre outros. É fundamental aproveitar esta nova realidade para preparar os espaços de forma que cheguem às populações tradicionalmente marginalizadas e mostrem que a cultura é para todos, que todos devem sentir-se bem-vindos, representados, incluídos e seguros.

Alguns museus já têm a prática de oferecer audiodescrição nos seus espaços físicos, mas apenas em um número limitado de objetos. Expandindo a oferta de audiodescrição e aliando à possibilidade de tatear objetos ou réplicas (Cecília, 2021), ampliam-se as oportunidades de acessibilidade à diversidade de públicos, que, de forma equitativa, podem usufruir da arte e da cultura, garantindo, desta forma, igualdade de oportunidades com os demais. Assim, criam-se espaços inclusivos que consideram a diversidade da população, na medida em que se criam práticas culturais que potenciam a eficácia, eficiência e a sustentabilidade financeira considerando os tempos normais e os tempos de crise.

REFERÊNCIAS

- Cecília, R. R. (2021). COVID-19 Pandemic: Threat or Opportunity for Blind and Partially Sighted Museum Visitors? *Journal of Conservation and Museum Studies*, 19(1): 5, 1–8.
- Conselho Empresarial para o Desenvolvimento Sustentável (n.d.) *Agenda 2030: Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável*. <https://www.ods.pt/>
- Diário da República Eletrónico (n.d.). *Declaração Universal dos Direitos Humanos*. <https://dre.pt/dre/geral/legislacao-relevante/declaracao-universal-direitos-humanos>
- Freire, C. (2022). Compreender a audiodescrição. In E. Manzini & A. Rocha (Eds.), *Temas recorrentes em pesquisa em educação especial* (pp. 111–126). Sobama.
- Fryer, L. (2016). *An Introduction to Audio Description: A Practical Guide*. Routledge.
- Google Arts and Culture (n.d.). <https://artsandculture.google.com/>
- Instituto CPFL (2019). *AD Exposição tinta sobre tinta*. <https://www.youtube.com/playlist?list=PL4SR0cOJS2pNVhKsFdkPQdiDTh5GjVWdM>
- Internacional Council of Ophthalmology (2002). *Visual Standards – Aspects and ranges of vision loss with emphasis on population surveys*. Retirado de <http://www.icoph.org/downloads/visualstandardsreport.pdf>
- ITC (2000). *ITC Guidance on Standards for Audio Description*. http://audiodescription.co.uk/uploads/general/itcguide_sds_audio_desc_word3.pdf
- Izi.TRAVEL (n.d.a). *Sobre nós*. <https://izi.travel/pt/sobre-nos>
- Izi.TRAVEL (n.d.b). *Áudio tour Porto – Cidade Invicta*. <https://izi.travel/pt/6acf-porto-cidade-invicta/pt#/browse/6978aa06-dc50-4eb9-9973-56b2313230ee/pt>
- Izi.TRAVEL (n.d.c). *Museu Audiodescrições para pessoas com deficiência visual – Museu do ar Sintra*. https://izi.travel/pt/5758-audiodescricoes-para-pessoas-com-deficiencia-visual-museu-do-ar-sintra/pt?fbclid=IwAROV-S1_CilglKWmHq7gZoiRldrOmEkCmQHnFD52oantF6kthEbgwl_u5XA#61d2-joao-torto/pt

- Li, F. M., Zhang, L., Bandukda, M., Stangl, A., Shinohara, K., Findlater, L., & Carrington, P. (2023, April 19). Understanding visual arts experiences of blind people. *Conference on Human Factors in Computing Systems - Proceedings*. <https://doi.org/10.1145/3544548.3580941>
- MAM (2019). *Tinta Sobre Tinta: acervo do MAM no Instituto CPFL*. <https://mam.org.br/exposicao/tinta-sobre-tinta-acervo-do-mam-no-instituto-cpfl>
- MIDIACE (n.d.). *Midiace*. <http://www.midiace.com.br/index.php/midiace>
- Motta, L. M. V. de M. (2021). Audiodescrição na escola: orientações para professores em tempo de pandemia. In F. R. L. V. Melo, É. S. F. M. Guerra, & M. M. F. D. Furtado (Eds.), *Educação Superior, inclusão e acessibilidade: reflexões contemporâneas* (pp. 66–85). Encontrografia Editora.
- Neves, J. (2011). *Guia de Audiodescrição: Imagens que se ouvem*. Instituto Nacional para a Reabilitação e Instituto Politécnico de Leiria.
- Oviedo-Cáceres, M.P., Arias-Pineda, K. N., Yepes-Camacho, M. R., & Montoya, P. M. (2021). COVID-19 Pandemic: Experiences of People with Visual Impairment. *Invest. Educ. Enferm* 39(1):e09.
- Ottone, E. (2020, março, 29). *Em momentos de crise, as pessoas precisam de cultura*. UNESCO. <https://pt.unesco.org/news/em-momentos-crise-pessoas-precisam-cultura>
- Resolução da Assembleia da República nº56/2009. (2009). Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência. *Diário da República* 1.ª série. N.º 146 (09-07-30), 4906-4929.
- Rizzo, J.R., Beheshti, M., Fang, Y., Flanagan, S., & Giudice, N.A. (2021). COVID-19 and Visual Disability: Can't Look and Now Don't Touch. *PM&R Journal* 13(4), 415-421.
- Selen, E., Sunam, A., Akin, A. İ., Biçakcı, H., & Kaplan, A. (2023). The impacts of processes of digitalization on the reception of contemporary art in Turkey during Covid-19. *Cultural Trends*, 32(1), 70–87. <https://doi.org/10.1080/09548963.2022.2035191>
- Senjam, S. S. (2020). Impact of COVID-19 pandemic on people living with visual disability. *Indian J Ophthalmol*,68(7), 1367-70.

Shalaby, W., Odayappan, A., Venkatesh, R., Swenor, B. K., Ramulu, P.Y., Robin, A. L., Srinivasan, K., & Shukla, A. G. (2021). The Impact of COVID-19 on Individuals Across the Spectrum of Visual Impairment. *American Journal of Ophthalmology*, 227, 53-65.

Snyder, J. (2014). *The visual made verbal: a comprehensive Training Manual and Guide to the History and Applications of Audio Description*. American Council of the Blind Arlington, VA.

The British Museum (n.d.). <https://www.britishmuseum.org/blog/how-explore-british-museum-home>

Vasilakou, P., Mineiko, S., Hasioti, T. M., Gavriilidou, Z., & Drigas, A. (2022). The accessibility of visually impaired people to museums and art through ICTs. *Technium Social Sciences Journal*, 35, 263–284. www.techniumscience.com